

## A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA SOB RISCO

The biblical interpretation at risk

Edmar dos Santos Pedrosa<sup>1</sup>

CARSON, Donald A. *Os perigos da interpretação bíblica*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001, 144p.

O livro *Os perigos da interpretação bíblica* é uma ferramenta fundamental para qualquer estudante ou intérprete cuidadoso das escrituras sagradas, devido às dificuldades enfrentadas neste processo. A dificuldade interpretativa nasce do fato de que o homem é um ser limitado e está interpretando a obra do Deus ilimitado, uma vez que, segundo o próprio autor da obra aponta: “o fato de sermos humanos, implica em errarmos” (p. 09). O texto foi escrito por Donald A. Carson, certamente um dos mais influentes e reconhecidos teólogos e escritores de mais alto nível desta geração. Carson recebeu seu Ph. D. pela Universidade de Cambridge (Inglaterra) e atualmente (2001) é professor do Novo Testamento na *Trinity Evangelical Divinity School*, perto de Chicago, nos Estados Unidos. Exerce a liderança da Comissão Teológica da *Word Evangelical Fellowship* (“Aliança Evangélica Mundial”) há mais de 20 anos. É autor de vários livros, artigos e de um comentário sobre o evangelho de João.

O texto *Os perigos da interpretação bíblica*, teve seu conteúdo baseado, em grande parte, nas palestras ministradas pelo autor e principalmente em exemplos selecionados dentre o material usado por ele em sala de aula nos anos em que ensinava exegese do Novo Testamento (p. 11), isso explica a razão pela qual na obra se encontram mais exemplos extraídos do Novo Testamento do que do Antigo, tudo aliado, é claro, a maior perícia do autor na interpretação destes textos do que daqueles.

Inicialmente, o livro se propõe a responder a crise em torno da dificuldade enfrentada pelos seres humanos ao interpretar os textos bíblicos inspirados por Deus. Devido às complexidades envolvidas na interpretação, o intérprete pode facilmente cair (e muitas vezes, cai) naquilo que o autor chama de falácias, que nada mais são do que erros interpretativos e exegéticos que podem ser evitados, se não eliminados por

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas e Mestrando em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná. E-mail: es.pedrosa@hotmail.com

completo, observando-se duas propostas feitas por ele (p. 13): uma autoavaliação reflexiva e adoção de um melhor caminho a ser seguido, justamente observando-se que a consequência de um erro ao se interpretar e ensinar textos bíblicos, é a eternidade das pessoas com ou sem Deus. Daí ser fundamental adotar uma interpretação crítica<sup>2</sup>.

Já na introdução da obra, o autor faz um alerta ao afirmar que nem mesmo a piedade do intérprete e o dom do Espírito Santo, iluminando-o, garantem que ele faça uma interpretação infalível (p. 14), por esta razão, estudar as escrituras com zelo é fundamental para que se evite involuntariamente transferir a autoridade das escrituras para nossas interpretações particulares, pois em última análise, torna-se uma idolatria adotar uma visão humana e superior quanto às escrituras.

O autor vai restringir sua obra não a bem intencionados estudiosos e pregadores com pouca instrução escolar, apesar de servir a eles também é claro, mas a líderes bem treinados e instruídos que dirigem frentes doutrinárias distintas que nunca chegam a uma unanimidade (p. 17), simplesmente porque divergem suas opiniões quanto ao verdadeiro sentido desta ou daquela passagem bíblica. Portanto, estudar as falácias exegéticas é fundamental para se atingir uma exegese mais perfeita possível.

Por outro lado e de forma brilhante, o autor afirma que nesta busca pela “exegese perfeita” o estudioso das escrituras corre sérios riscos. O primeiro é cair em um negativismo diante das dificuldades interpretativas e com isso alimentar o perigoso orgulho (p. 20). O segundo é a pessoa cair em desânimo ao se sentir amedrontada e insegura diante de uma interpretação e assim acabar abandonando-a cometendo mais erros do que se insistisse em aprimorar suas habilidades (p. 21). Mas o grande perigo certamente está no distanciamento entre intérprete e autor do texto, tudo devido às dificuldades interpretativas que ele apresenta, pois o intérprete pode achar que entendeu o sentido de um texto, mas na verdade ele mesmo impôs seus próprios pensamentos ao que foi lido.

Assim, ficou demonstrado a importância de se entender o processo interpretativo não em termos teóricos, mas certamente quanto à exegese e hermenêutica correta. Este é o limite<sup>3</sup> estabelecido pelo autor no texto e para atingir seu objetivo proposto e assim

---

<sup>2</sup> Interpretação crítica das escrituras é aquela que possui justificação adequada – lexical, gramatical, cultural, teológica, histórica, geográfica ou de qualquer outro tipo. Em outras palavras, é aquela que dá boas razões para as escolhas que faz e as posições que adota.

<sup>3</sup> O estudo da exegese e suas falácias concentram-se naquele que faz a exegese. Assim a exegese, de forma simplificada, relaciona-se a real interpretação de um texto, enquanto a hermenêutica diz respeito à natureza do processo interpretativo. A exegese termina dizendo “Esta passagem significa isto ou aquilo” a

comprovar a existência dos erros interpretativos e seus consequentes riscos, o autor divide a obra em quatro partes principais as quais intitula de falácias, analisando as mais importantes utilizadas na interpretação bíblica e conclui o texto com algumas breves reflexões finais apresentando alguns problemas adicionais ao assunto abordado.

Na Parte 1 do livro, Carson aborda o que ele chama de “As falácias vocabulares”. Inicia o capítulo demonstrando a beleza e complexidade das palavras na sua função de transmitir informações ou expressar emoções (p. 25). As palavras, para ele, são propulsores para que as coisas aconteçam. Assim ele apresenta um roteiro com dezesseis formas de falácias ligadas aos vocábulos, nas quais o intérprete pode ser traído se não tomar cuidados especiais. Trata desde a falha de acreditar que toda palavra tem um sentido obrigatoriamente ligado ao seu radical ou a sua forma ou dar a uma palavra um significado recente e transportá-lo erroneamente para a literatura antiga, além do uso de palavras obsoletas, adoção de significados desconhecidos ou improváveis, a negligência no uso de material de apoio para ajuda na interpretação, ou mesmo acreditar que uma palavra tem sempre um mesmo significado técnico, concluindo sua análise no fato de que o grande problema se encontra no conflito com o contexto que se pretende usar determinado vocábulo ou interpretá-lo.

Certamente o pouco conhecimento do intérprete nas línguas bíblicas originais, hebraico e grego, pode provocar o cometimento destas falácias, por isso o ponto central para ele está no fato de que semântica é muito mais do que significado de palavras, e sim de frases, orações, estilos, gêneros, tudo envolvendo estudos aprofundados sobre o assunto (p. 61).

A segunda parte do livro aborda as “Falácias Gramaticais” iniciando o capítulo mostrando ao leitor a flexibilidade do Novo Testamento grego e afirmando que as línguas se “desmancham” com o tempo (p. 64). Isso é fato. A gramática recebe uma estrutura em um período da história humana e outro em determinado momento distinto. O tempo e o modo verbal grego, ou aspectos gregos como ele prefere chamar, adquirem destaque na interpretação do texto se entendidos quanto a sua força temporal. Para explicar esta questão o autor apresenta quatro formas, ou tempos verbais exemplificando como eles atuam no texto (p. 65-74). Depois adentra ao campo das falácias ligadas a unidades sintáticas (p.75-83) e assim, por meio de cinco variáveis, o

---

hermenêutica conclui assim “Este processo interpretativo constitui-se das seguintes técnicas e pressuposições”.

autor demonstra com vários exemplos, como as condicionais, os artigos e a relação entre os tempos verbais influenciam na interpretação de um texto.

Encerra o capítulo mostrando que nas últimas décadas houve pouco progresso em estudo da gramática grega (p. 82) deixando claro que a educação clássica está em decadência nesta geração, e apresenta uma sugestão para se combater esta problemática que é o uso do programa GRANCORD<sup>4</sup>.

Na sequência da obra, Carson aborda a questão envolvendo as “Falácias Lógicas” afirmando que nem todo silogismo é verdadeiro, justamente quando eles ferem a lógica aceita por todos, ou seja, uma análise e avaliação das maneiras de se usar a evidência para tirar conclusões corretas (p. 86). Para justificar sua teoria, ele apresenta uma seleção de dezoito falácias lógicas (p. 88-116), separando aquilo que é estilístico ao texto, principalmente dos sinóticos, daquilo que muitas vezes o autor quis provar ao usar textos mais curtos ou longos do que o outro. Desta forma, a análise de cosmovisões, apelos emotivos em expressões escritas, generalizações e inferências negativas seguidas de falsas declarações entre outros recursos amplamente utilizados, podem levar o intérprete a adotar uma lógica que muitas vezes o texto bíblico não propôs que ele tivesse.

Na reta final do livro, D. A. Carson vai tratar das “Falácias Históricas e de Pressupostos” no capítulo mais curto da obra. Este assunto, segundo afirma, mereceria converter-se em um livro próprio (p.117). Aqui surge uma falácia muito importante, uma vez que a Bíblia possui muitos dados históricos, o que traz dificuldade de interpretação aos seres humanos limitados e decaídos. Diz que, como a exegese envolve uma linha de pensamento e argumentação sistematizada, falácias e pressupostos certamente surgirão. Menciona a influência da Nova Hermenêutica quanto a esta questão já que ela afirma que o intérprete traz ao texto sua bagagem cultural, emocional e espiritual fazendo uma interpretação dele à luz de pressupostos que possui e aceita. Sua bagagem pessoal condiciona a resposta que o texto irá lhe trazer. Isso é um risco muito sério.

Para explicar seu ponto de vista e novamente mencionar muitos exemplos bíblicos, Carson apresenta cinco falácias históricas e de pressupostos comuns ao se

---

<sup>4</sup> O nome GRANCORD vem de conCORDância GRAMatical. Criado por James Boyer e desenvolvido por Paul Miller, o GRANCORD é um programa de computador que consiste de um texto do Novo Testamento grego e um programa consideravelmente sofisticado que capacita o usuário a buscar qualquer construção gramatical de qualquer extensão e complexidade.

interpretar textos bíblicos (p.120-126), passando pela causalidade, pela reconstrução histórica livre, pelas falhas de motivação e usos conceituais, concluindo com as falácias que surgem exatamente do distanciamento existente no processo interpretativo entre o leitor e o texto. Aqui, os intérpretes correm o risco de transferir ao texto uma teologia pessoal sem sequer observar seus preconceitos pessoais e muito menos fazer as tão necessárias concessões.

Encerrando a obra (p. 127-132), Carson faz suas reflexões finais alertando aos leitores que a questão das falácias é uma coisa tão séria que no processo interpretativo sempre é possível dar oportunidades para outras formas de erros. E conclui sua obra somente a título exemplificativo, apresentando sete problemas que podem surgir das mais diversas maneiras, pois o intérprete lida com textos literários, dados estatísticos e fontes históricas. Para o intérprete reduzir ao máximo o risco de cometer estes erros, é fundamental conhecer estas falácias apresentadas em partes e juntar os pedaços olhando para a Bíblia com mente humilde e decidir por focalizar as verdades centrais do texto sagrado (p.132).

Portanto, é totalmente recomendável a leitura do livro, expresso didaticamente em forma de aula, *Os perigos da interpretação bíblica*, aliás, não só recomendável como aconselhável para aqueles que almejam estudar e interpretar a Bíblia, reconhecendo ser esta uma tarefa árdua, complexa e passível de falhas, mas acima de tudo, prazerosa e de valor eterno.